

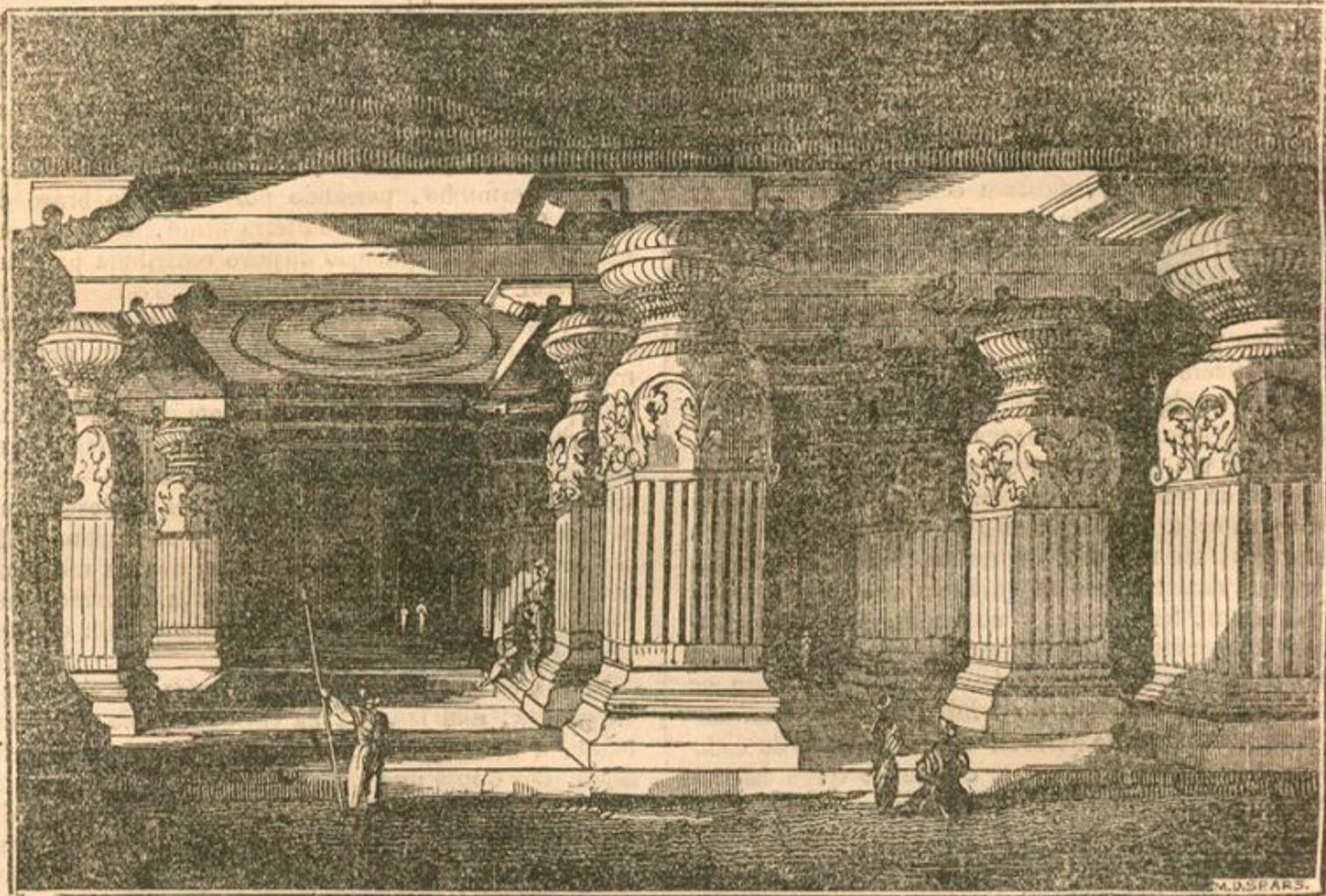
O PANORAMA.

JORNAL LITTERARIO E INSTRUCTIVO
DA
Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis.

10.

PUBLICADO TODOS OS SABBADOS.

JULHO 8, 1837.



INDRA SABAH EM ELLORA.

TEMPLOS SUBTERRANEOS DA INDIA.

SE quizerdes saber miudamente qual é a religião de um povo; em que consistem seus ritos, as suas superstições, recorrei-lhe os livros sagrados, interrogai-lhe os sacerdotes, assisti ás suas ceremonias do culto; mas se quereis conhecer o geral character dessa crença, a sua bondade moral, e a idéa fundamental della, cerrai os livros; não converseis os sacerdotes: — perguntai-o á pedra do templo que julgais muda, e ella vos dirá o que talvez, com largo estudo dos livros e dos homens, tarde ou nunca saberieis.

Os monumentos religiosos de todas as nações são o eco do principio religioso que em todas reside. O templo aprasivel da Grecia, a cathedral gothica do Christianismo, o pagode subterraneo da India, são, cada um de per si, os symbolos da crença destes diversos povos.

O templo grego parece que sorri, como o risonho polytheismo da antiga Grecia: — a cathedral, mysteriosa no labyrintho das suas arcadas, erguida para o ceo, e triste na sua escuridade, é a imagem do Christão que suspira pela patria celeste, e geme no desterro do mundo: — o pagode subterraneo da India é o simulachro de religiões viciosas, absurdas e vis, que nas entranhas da terra escondem superstições abjectas, como envergonhadas de as patentear á luz do sol, e aos olhos do genero humano.

Estes pagodes se encontram ainda por varias partes da India. Nos ultimos tempos os Inglezes, senhores de quasi todo o Indostão, os teem tornado conhecidos

na Europa: nós os Portuguezes sabiamos da sua existencia e das maravilhas da arte, que encerravam, desde os fins do seculo dezeseis, em que Diogo do Couto escreveu uma noticia miudiada de tres dos principaes delles.

Os mais notaveis destes templos subterraneos são os da ilha de Salsete, o da ilha do Elephante, e os de Ellora na provincia de Aurengabad, nas cercanias da cidade do mesmo nome.

Para melhor intelligencia do que delles vamos dizer, daremos aqui em resumo uma idéa das crenças dos habitantes da India.

Ha ahí duas seitas principaes; a de Brama, e de Budda: segundo a primeira, existem tres intelligencias — a creadora, a conservadora, e a destructora — que revestem de corpo, dando-lhes os nomes de Brame, Visnú, e Siva: dizem que as duas ultimas incarnaram cá na terra em diferentes seculos, e com varias figuras: cada uma destas incarnações, ou *avatares*, como elles lhes chamam, gerou uma diferente deidade, que tem culto particular; só Brama não teve diversas incarnações, e por isso nunca o seu culto é vario como o dos outros. Além destes tres grandes deuses ha um tropel de outros inferiores. O sol, a lua, o vento, o mar, qualquer fonte ou rio, é divindade, ou tem alguma que lhe pertença: a fóra esta chusma, os principaes deuses teem grande numero de servos e clientes: e no ceo ha, como na terra, medicos, poetas, e bailadeiras.

Como se crê que os deuses em varias das suas incarnações appareceram com muitas cabeças e mãos.

e outras extravagancias, as imagens que estão pelos templos apresentam notaveis configurações. Daqui nasce, que na India, todos os monstros, todas as figuras meias de homem meias de fera, toda a somma de mãos e cabeças nas imagens que ahi são adoradas, indicam um lugar sagrado pertencente ao Bramismo. Por via de regra estes templos *teem o tecto chato*, e são geralmente quadrados.

A religião de Buddha differe muitissimo da de Brama: creem os buddistas que por diversas vezes teem apparecido na terra homens de excessiva piedade, e abnegação de si, os quaes foram levados depois da morte a um estado de bemaventurança celestial. Estes sanctos, ou prophetas, havendo reformado o mundo em quanto vivos, ficaram com o poder de fazer prodigios, e exercendo certa influencia nos homens: são a estes sanctos que os buddistas adoram, e onde quer que esta religião vóga, ahi são as suas reliquias veneradas. Os maiores templos, muitos dos quaes são de fórma pyramidal, ou da figura de uma secção de globo, dizem que encerram um dente, um cabello, ou outra qualquer reliquia de algum desses sanctos. Estes templos contém imagens de pernas encruzadas, ou em pé em postura de quem medita: taes são os objectos de veneração dos buddistas; e nos pagodes pertencentes a esta seita não se encontram imagens disformes, ou monstros de muitos braços e cabeças. O signal caracteristico de qualquer dos templos, que hoje restam, ter pertencido ao buddismo, é haver ao pé grande numero de cellas; porque os sacerdotes de Buddha vivem conventualmente, como viviam os nossos frades. O corpo do templo é ordinariamente sustido por fieiras de pilares, com uma nave de cada lado, *tem o tecto em arco*, e é oblongo como as nossas igrejas.

Os pagodes de Salsete parecem ter pertencido a esta seita, e o da ilha do Elephante ao culto de Brama: em Ellora uns são templos de Buddha, outros da religião de Brama.

Diogo do Couto, depois de descrever Salsete, falla do templo de Canari (que os Inglezes escrevem Kennery) como de uma das maravilhas da India. A seguinte descripção é extrahida deste escriptor, que em parte preferimos aos modernos viajantes, não só por nosso, mas porque examinou a obra em tempo em que não estava tão arruinada como hoje. — « No meio desta ilha, diz Couto, está aquelle admiravel pagode do Canari, que se presume ser obra dos Canarás, e por isso se chama assim, que está feito ao pé de um arrasado monte, todo de pedra de côr pardo claro; á entrada delle se faz uma formosa sala; e no pateo de fóra da porta, d'uma e d'outra banda della, estão duas figuras de vulto entalhadas na mesma pedra, támanhas como duas vezes os gigantes que vão nas procissões da festa do corpo de Deus de Lisboa, tão formosas, tão primas, e tão bem lavradas, que nem em prata se podiam entalhar melhor, nem mais perfeitas. A porta, da banda de fóra, tem algumas cisternas feitas na mesma rocha, que recebem a agua do hynverno: que no verão está tão fria, que não ha mãos que a soffram. Pela serra acima até o cume della, a modo de caracol, se fazem mais de tres mil camarinhas pequenas, a modo de cubiculos, cortadas na mesma rocha; e cada uma dellas tem á porta uma cisterna da mesma agua: e o que é mais para admirar é que ha um cano, feito por tal artificio, que corre por todas estas tres mil camarinhas: este cano recolhe todas as aguas vertentes daquella serra, e a reparte por todas as cisternas, que estão ás portas das camarinhas. »

Neste templo ha varias quadras antes de entrar na principal; na passagem daquellas para esta ha duas

grandes moles de pedra com cupulas esfericas, chamadas *dhagopes*, as quaes indicam ser o templo consagrado a Buddha. Uma destas pedras está n'um canto escuro, e cheia de figuras de relevo, das quaes a principal é a de Buddha em diferentes posturas, e acompanhada de varios emblemas. O exame destas esculpturas aclararia muito a antiga historia da religião da India.

Este templo foi convertido pelos Portuguezes em igreja com a invocação de S. Miguel: e segundo Couto, na serra em que está entalhado se descobriu uma especie de caminho subterraneo, ou labyrintho em que alguns curiosos andaram sete dias sem lhe acharem termo. Havia tradição entre os habitantes de Salsete, que este caminho, passando por baixo do braço de mar, que divide Salsete da terra firme, ia dar a Cambaia: assim a imaginação do povo contribuia para engrandecer esta maravilhosa fabrica.

O pagode de Manapaser, a que hoje chamam caverna de Montpezir, dista do de Canari obra de duas milhas, e é entalhado como o outro na rocha viva. Este pagode foi tambem mudado em igreja pelos Portuguezes, que junto delle fundaram um collegio para ensinarem os filhos dos Indios convertidos. — As ruinas deste collegio ainda existem, e os Inglezes, que se persuadem de que os Portuguezes só sabiam edificar conventos, dizem que são as ruinas de um mosteiro de frades, e que o templo serviu *provavelmente* de dispensa, o que só mostra a ignorancia em que estão ácerca de nossas coisas.

A ilha do Elephante, ou como agora lhe chamam, Elephanta, está lançada na entrada do rio de Bombaim, á banda do sul, e terá de roda obra de meia legoa. Diz Couto que tomou este nome de um grande elephante de pedra que se descobria logo ao entrar do rio: este monumento desabou em 1814. É aqui que está um dos mais famosos pagodes da India. — Tem o templo oitenta passos de comprimento e sessenta de largura, aberto na rocha viva; e todo o cume do tecto se sustenta sobre cincoenta columnas, que estão por tal compasso, que fazem sete naves. Cada uma destas columnas até meia altura é quadrada de vinte e dois palmos, e do meio para cima redonda, e de dezoito palmos de circumferencia. Na decada septima da Historia da India se acha uma particular noticia do estado deste pagode no tempo de Diogo do Couto; mas tendo-se de então para cá arruinado muito aquella obra magnifica, extrahiremos alguma coisa do que ácerca della dizem os modernos viajantes inglezes.

O principal objecto que se encontra nesta caverna é um idolo de tres cabeças, entalhado com varios ornatos, e representando Siva, a quem o templo, pelos emblemas que tem, parece ser dedicado. Está este vulto no fundo da entrada do centro.

Ha pelas paredes varios relevos; mas como no hynverno a agua entra dentro, estão parte alluidos, parte caídos; isto faz com que seja mui difficil o explicar o que elles representam.

Á entrada da caverna ha um templo separado, o qual lhe fica á direita, e tem pouco mais ou menos vinte pés em quadro, com suas entradras pelas quatro faces, ao lado de cada uma das quaes estão dois gigantes de quinze pés de alto, um de cada parte. Dentro está esculpido o emblema do poder creador, o *Linga*, o qual ainda hoje os Indios costumam ir enfeitar com flores.

O pagode principal está já muito arruinado, e ha sitios em que o tecto abateu, ficando tudo reduzido a montes de entulho. Os que pretenderem noticia exacta sobre o seu antigo estado leam a descripção de Couto, e ácerca do que ainda se conserva, vejam os *Fragmentos de Viagens* do capitão Basilio Hall.

Os templos de Ellora, tanto pelo seu numero, como pela riqueza da fabrica, são talvez os mais curiosos subterraneos de toda a India. Estão abertos em um monte da figura de meia-lua, cujo declive em geral é doce, mas que em algumas partes é de rochedo tallado a pique da altura de vinte, sessenta, e ás vezes cem pés. Foi nestas faces que abriram os pagodes, correndo assim um lanço delles por espaço de uma milha. Sobre o alto do monte avulta uma estatua agigantada de Budda, lavrada n'um rochedo de basalto negro: está toda nua, e assentada em um throno posto sobre elephantes e tigres. Tem a estatua dez pés d'alto, as pernas cruzadas, e as mãos no collo: corôa-a uma cobra de sete cabeças, cujas roscas servem de encosto ao throno. Estão de roda seis vultos, cinco sentados, e um em pé, como que fazendo-lhe oração, e adornados de brincos, rosiclères, e braceletes. Esta imagem é semelhante a todas as de Budda, que ha pela India, chama-se *Parusnath*, e os Malabares vão alli em romaria todos os annos.

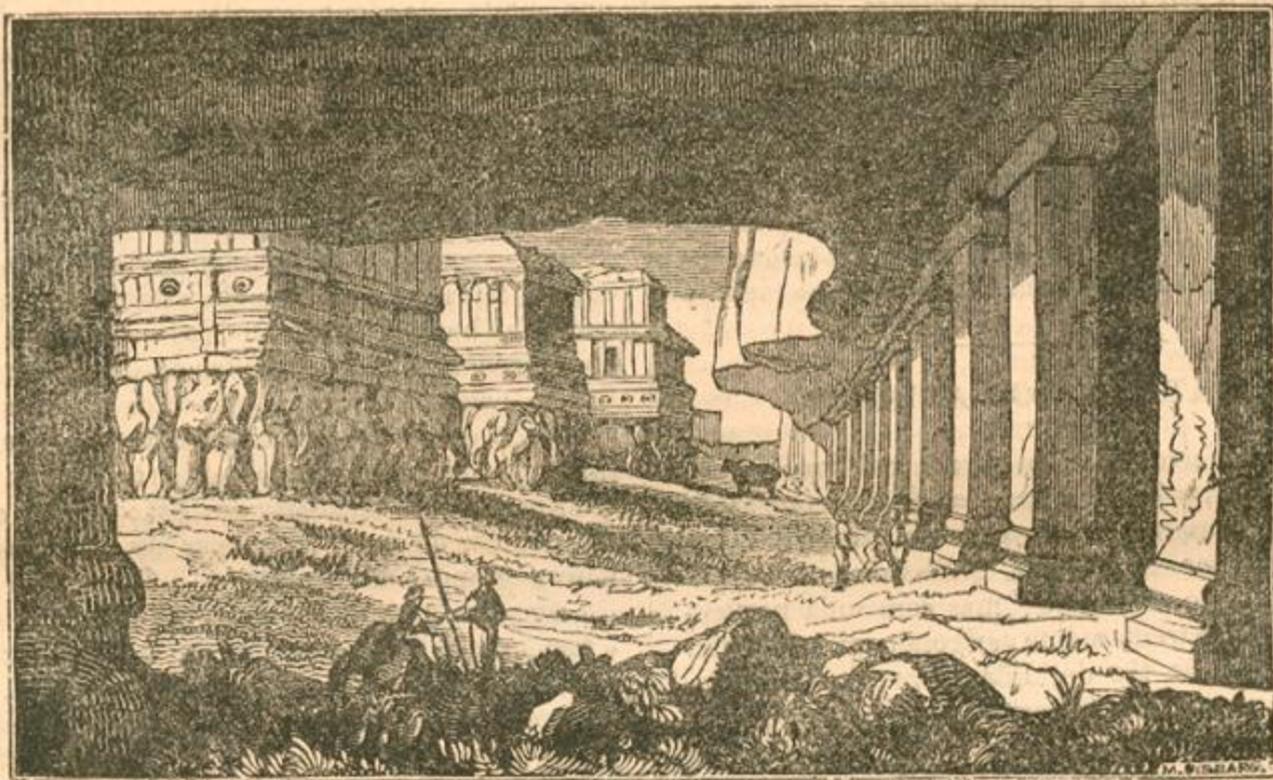
A caverna mais proxima é a chamada *Indra Sabah*, ou templo do Senhor do firmamento. Esta caverna se divide em tres corpos, e é a que representa a estampa que precede este artigo. Pertence o pagode á religião de Budda. Os tres corpos seguem no fundo uns dos outros, tendo communicação entre si por umas portas estreitas. O da entrada, representado na estampa, tem sessenta e um pés de comprido, quarenta e oito de largo, e quatorze de altura: a um canto está a estatua de Budda, na mesma postura do *Parusnath* collocado no cimo do monte: á roda da parede ha outros idolos que representam a mesma personagem,

uns com as pernas cruzadas, outros sentados ao nosso modo. A segunda caverna parece-se inteiramente com a primeira. Na terceira ha tambem, como nas outras, uma figura de Budda, e muitas ao redor em nichos, umas em pé, outras sentadas, com servos atraz montados em elephantes, tigres, e touros. O vulto em pé de Budda está á esquerda do sanctuario, com duas mulheres de cada lado, e aos pés outra na postura de resar; de roda estão entalhados ratos, carneiros, uma cobra e um escorpião, como que repousando á sombra delle: o portal é todo lavrado de figurinhas de Budda e dos seus servos: no topo da quadra ha uma varanda, em cujas extremidades estão os idolos chamados *Indra* e *Inderani*, aquelle sentado sobre um elephante, este sobre um tigre: nasce a cada um do alto da cabeça uma arvore, na qual está pousada uma ave.

Na frente desta caverna d'*Indra* ha um pateo tallado no rochedo, com uma capella no centro, em que está um altar com figuras de Budda: de cada lado ha um elephante sem cobertura ou ornato, e para outra parte está um obelisco levantado.

Estas cavernas são feitas em dois andares; mas o inferior tem-se estragado com a humidade, e entulhado em parte com a terra que para dentro lhe vai caindo.

Adiante do *Indra Sabah*, seguem-se no mesmo monte muitos pagodes subterraneos, uns pertencentes ao bramismo, outros ao buddismo, de que não faremos menção especial por evitarmos prolixidade, e por passarmos a descrever o templo de *Keylas*, cujo desenho tambem aqui apresentamos. É o pagode de *Keylas*, obra dos sectarios de Brama, e está situado no mesmo lugar de Ellora.



TEMPLO DE KEYLAS.

O primeiro objecto que nelle se apresenta aos olhos do viajante é um portal, com camaras por cima e ligado aos encontros do monte por dois lanços de muros com amêas, e, segundo parece, tallados n'um antigo banco de pedra: por cima deste portal ha uma grande multidão de pequenos pagodes e obeliscos, todos avultados na mesma pedra. Entrando para dentro dá-se n'um extenso terreiro, o qual fica na frente do templo principal, que está assentado sobre elephantes tirados ao natural: é este templo obra espantosa; e parece impossivel que uma fabrica de tão curioso lavor seja cortada e entalhada na mesma pedra dura e aspera, que por tres lados cerra o grande terreiro. Ha para este duas aberturas, uma á direita, outra á es-

querda, e diante dellas estão elephantes de grandeza natural, cingidos com cordas, mas já muito estragados: do pé destes é que se vê bem todo o exterior do grandé templo pyramidal do meio, que tem cem pés d'alto, e cujos delicados lavores contrastam a aspereza dos rochedos que fecham o terreiro. Andando obra de trinta pés para diante dos elephantes chega-se a dous formosos obeliscos, bem conservados, e de trinta e oito pés d'alto. O templo principal está a uma banda do terreiro, e tem communicação com os quartos por cima da entrada, por um templo mais apoucado, no qual está o boi *Nundi*, que é pequeno e já todo quebrado. Ao lado do templo do meio ha outros menores, que assentam sobre vultos de animaes, elephan-

tes, leões, e monstros imaginarios, cinzelados em varias posturas; uns combatendo com os que tem ao pé; outros com meios corpos saídos da parede, outros tendo de fóra só as cabeças. Os leões são aqui desmesurados e da altura dos elephantes, como era necessario para toparem com as costas no pagode que fingem sustentar.

Entre o templo maior e o portal, no muro da cerca, ha nove fieiras de figuras lavradas, quasi de um pé de alto, que representam homens pelejando, com arcos, cacheiras, e espadas; alguns em carros tirados por cavallos ou macacos. Na frente do templo ha uma escadaria, no cimo da qual é a entrada para a quadra principal: dentro, a luz baça, as macissas columnas, o silencio de morte em que tudo está, e as figuras agigantadas que se veem no tôpo geram um sentimento de pavor. O tamanho da quadra é de cento e tres pés de comprido, sessenta e cinco de largo, e só dezesete de alto. Sustem o tecto quatro renques de columnas grossissimas com os fustes cheios de labores, mas os capiteis lisos: a côr da pedra destas columnas está toda affumada das fogueiras que Aureng-zeb mandou fazer alli dentro por escarnecer dos Malabares. Em frente da entrada ha uma capella grande, com vultos de gigantes aos lados, cujas cabeças vão entestar com o tecto: é esta capella o sanctuario, onde está o *Linga*. De roda corre uma varanda pela parte de fóra: e aos lados do templo ha porticos cheios de vultos e relevos. Na varanda que cerca o sanctuario ha portas que dão para outras capellas, que são em miniatura o mesmo que a grande quadra.

Ha por estes sitios muitos outros pagodes menos conhecidos; e no caminho de Puná para Bombaim se encontra o de Karli que é muito celebre, mas de que se póde fazer idéa pelos que temos descripto. Estes pagodes não igualam por certo os edificios religiosos da Europa em grandeza e primor; porém excedem-os no difficil da obra; porque só em Keylas tiveram os que o construíram de cortar talvez tres milhões de pés cubicos de rochedo, para no restante da pedra talhar tão delicados relevos e vultos, os quaes, ainda que incorrectos no desenho, são bem imaginados no todo, e de subtil lavor.

ANTIPATHIAS DOS ANIMAES.

OS SEQUINTE factos curiosos foram publicados pelo professor Rodet no jornal mensal = *O Veterinario*. =

Em 1806, durante a campanha de Austerlitz, um official piemontez tinha uma bellissima egua, excellente para todo o serviço, mas com uma particularidade unica, extremamente perigosa para cavallaria. Tinha uma aversão tão decidida ao papel, que o conhecia pelo ar, e até ás escuras esfregando-se duas folhas delle uma pela outra. Esta vista, e este som lhe causava tão prompto e violento effeito, que muitas vezes sacudia o cavalleiro; e uma vez, em que este ficou preso por um pé no estribo, o levou de rastos sobre pedras por espaço consideravel. Fóra disto, a egua não tinha o mais pequeno medo de outros quaesquer objectos, que de ordinario espantam os cavallos: não fazia caso da banda de musica marcial, do sibilo das balas, do estrondo da artilharia, dos fogos dos piquetes, ou do lampear das armas: a confusão e bulha de uma refrega lhe não fazia impressão; nem a vista de outros objectos brancos a abalava, nem lhe importava com outros sons: tão sómente a vista, ou ranger do papel a enfurecia. Todos os meios possiveis empregados para a curar de tão extraordinaria e prejudicial mania, foram baldados; e seu dono se viu a final obrigado a vende-la, porque lhe punha a vida em continuo perigo.

Uma egua, que pertenceu á Guarda-real (de 1816 até 1821), era completamente docil, não tinha antipathia com a gente, nem com outros animaes, excepto com os cavallos ruços; mal descobria algum desta côr arremettia para elle com toda a furia; e sempre acontecia o mesmo, em todo o tempo, e onde quer que fosse. Faziam della quanto queriam na parada, nas estradas, nas fileiras, em combate, e nas cavallariças; porém era tal aversão que tinha aos cavallos ruços, ou esbranquiçados, que corria muito risco mette-la com elles na mesma cavallariça, fosse qual fosse a distancia. Apenas lobrigava algum, fosse cavallo ou egua, não descançava até que sacudia o cavalleiro, e arremettia ao outro, e o mordida por onde achava: geralmente lhe agarrava pela cabeça ou peito, e não largava sem o esganar, se lhe não acudissem de prompto. Envelhecendo não perdeu a mania, mas abrandou alguma coisa. Não dava a mais leve mostra de lhe fazer impressão outro qualquer corpo de côr branca.

Ao revez desta, uma egua do quinto esquadrão de hussares se assustava de todos os objectos brancos inanimados, taes como, cobertas e vestidos brancos, as mangas das camisas, ou as mesmas camisas muito á mostra, e com especialidade as pennas brancas. Quando via de repente qualquer destas coisas, e muito principalmente se estavam em movimento, se este era rapido, e o objecto avultava, entrava n'um grande tremor e luctava por fugir; mas se não era de grande tamanho, e se agitava lentamente, ia-se embravecida a elle, calcando-o debaixo das ferraduras, e trabalhando pelo despedaçar a dente. Nem as outras côres lhe faziam impressão, nem a apparição, ainda que subita, de algum cavallo, ou cão de côr branca; mas se caía uma penna branca, ou fluctuava no ar uma folha de papel, seu medo, ou furor era indomavel.

PARTICULARIDADES RELATIVAS ÁS CÔRES.

MUITAS vezes se tem suscitado vivissimas contestações entre os fabricantes de fazendas estampadas, e as pessoas que lh'as haviam encommendado, por causa das côres dos desenhos, porque pertendendo-se, por exemplo, que fossem negros em chãos vermelhos ou cramesins, em vez de negros elles appareciam verdes. Outras vezes tinham-se encommendado para armações ou forros de quartos debuxos cinzentos em chão verde; e estes parecendo côr do rosa, em lugar de cinzentos, faziam nascer grandes altercações — « Guarde lá o senhor a sua obra, eu quero desenhos negros. » — « Aqui tem as suas tapeçarias, e para a outra vez não misture o cinzento com o côr de rosa. — Mas, senhora, a nossa tinta negra é excellente; eu desafio qualquer fabricante a que mostre um preto de melhor qualidade. A nossa fabrica não começou hontem, e graças a Deos, sempre teve fama de ter melhores cinzentos, que todos os fabricantes do reino. — Assim será, mas eu não tenho nevoas nos olhos, este negro é verde, este pardo côr de rosa; appello para o testemunho de todos. »

Um dos principaes chimicos francezes, tendo sido escolhido para arbitro, deixou muito confusas as duas partes queixosas, fazendo recortar papeis brancos exactamente pelos padrões dos desenhos, negros ou cinzentos, e applica-los sobre as fazendas de modo que ficassem inteiramente tapados os chãos vermelhos ou verdes, e substituidos por um fundo branco. Os debuxos pretos das capas appareceram logo perfeitamente negros, e os cinzentos das armações perderam a côr rosada.

Este phenomeno está ligado á theoria geral da in-

fluencia que duas côres exercem uma sobre a outra, quando se acham em juxta-posição; havia muito tempo que delle se tractára, porém ao illustrado chimico, de quem acabamos de fallar, é que se deve uma collecção completa de factos e de principios relativos a este interessante assumpto, de que faremos uma summaria exposição em um dos proximos numeros.

As consequencias já mui amplas dos principios descobertos, são sem duvida susceptiveis de maior desenvolvimento; por tanto a arte de estampar desenhos em estofos de côres, — a de applicar diversas tintas sobre papeis pintados, — a arte de illuminar as cartas, — a arte de armador, que procura pôr em harmonia as côres dos estofos tanto entre si como com as das madeiras dos moveis, — a pintura dos quadros, dos vidros de côres, e especialmente a dos modelos de tapeçaria e de alcatifas, — a distribuição dos canteiros de flôres n'um jardim, em relação ao seu matís e á epocha da sua florescencia, — a boa combinação das côres dos vestidos, e sua influencia na das pessoas que os trajam — os ornatos dos theatros, todas estas artes podem tirar uteis noções dos factos que a experiencia e a theoria tem descoberto.



O ABESTRUZ.

(*Struthio camelus*. LIN.)

ESTA ave é conhecida desde tempos mui remotos, e della fazem menção os livros sagrados. Provavelmente foi alimento ordinario, pelo menos do povo; porque o legislador dos Judeus, lhes prohibe esta carne como um dos manjares immundos. Herodoto, o pai dos historiadores, falla do abestruz; e igualmente os primeiros philosophos, que tractaram assumptos de historia natural. É com effeito, como podia ser desconhecida uma ave que vive nos climas da Africa e da Asia, tão povoados na antiguidade, e muito mais sendo tão consideravel pelo tamanho, tão notavel pela figura, tão pasmosa pela fecundidade? Verdade é que o abestruz habita os desertos, e prefere os logares

mais solitarios e mais aridos, onde quasi nunca chove, o que parece confirmar o dito dos Arabes de que esta ave não bebe; mas tambem é verdade que o homem sabe atravessar os desertos. A vida do abestruz deve ser muito penosa em solidões vastas e estereis, mas elle lá encontra a liberdade e o amor; e que ermo, por tal preço, não seria um logar de delicias? Para gozar, no seio da natureza, bens tão inestimaveis, elle evita a sociedade do homem; mas o homem, que sabe quanto lhe pôde aproveitar, vai procura-lo nos mais selvaticos retiros, e sustenta-se da sua carne, dos seus ovos, e do seu sangue e gordura; adorna-se com as suas pennas; e talvez nutre a esperanza de o subjugar completamente, e po-lo no conto dos seus escravos. O abestruz offerece sobejas vantagens ao homem para que elle o deixe viver seguro no centro dos desertos. Povos inteiros mereceram a denominação de *Struthophagos*, comedores de abestruzes, que tantos ou tão poucos devoravam, e estes povos eram visinhos dos *Elephantophagos*, comedores d'elephantes, que por certo não usavam melhor banquete. Apicio, o doutor dos cosinheiros romanos, prescreve em seu livro sexto, um mólho alguma coisa picante para esta especie de carne, e julgamos que com muita razão: isto nos prova o uso que fazia della o povo conquistador. O imperador Heliogabalo, prototypo dos comilões, banqueteu-se um dia com os miolos de seiscentos abestruzes; é bem sabida a mania deste imperador de comer em cada dia uma só casta de carne, como, phaisões, porcos, frangos, etc., e o abestruz entrava na conta, preparado sem duvida á moda de Apicio. Ainda hoje os habitantes de alguns districtos d' Africa os criam domesticos, e lhes comem a carne, e vendem as pennas: comtudo nem gatos, nem cães, quizeram ao menos cheirar a de um que Vallisnieri tinha dissecado, posto que estivesse bem fresca; é verdade que estava excessivamente magro, e além disso podia ser velho; porque Leão o Africano, que a provou no proprio paiz, diz que só comiam os novos, e depois de os terem engordado. O Rabbino Kimchi diz que preferiam as femeas; e talvez se possa converter em soffrivel manjar submettendo-os á castração.

O abestruz tem de sete a nove pés de altura desde a cabeça até o chão, e do costado para baixo raras vezes excede tres ou quatro pés, porque o restante é o excessivo comprimento do pescoço. A cabeça é muito pequena, comparativamente ao corpo; e tanto ella como a maior parte do pescoço são cobertas unicamente com alguns pellos espalhados: o bico é largo, curto, e abobadado. As pennas do corpo são pretas, e soltas; as das azas e do rabo são alvissimas, fluetuantes, e compridas, e umas por outras com as pontas negras. As azas são armadas d'espôrões: as coxas nús, e os pés fortes, e de côr pardo-escuro. As azas lhe não servem para voar, mas sómente para o auxiliar na carreira, a qual é tão veloz que o não alcança o mais ligeiro cavallo: as pernas mais parecem de quadrupede que de ave.

Os ardentes e descampados areas da Africa e da Asia são os paizes nataes dos abestruzes. Por elles vagam muitas vezes em ranchos tamanhos, que vistos ao longe já tem causado sustos ás caravanas, figurando tropeis de cavallaria dos Arabes salteadores.

A fôrma e os habitos peculiares deste animal são inteiramente diversos dos de toda a mais casta plumigera: e parece que fôrma um dos anneis intermedios na extensa cadeia dos entes animados, ligando as tribus aladas com os quadrupedes. As pernas com juntas vigorosas, e (aventuremos esta expressão) armadas de unhas fendidas, são tão azadas para a carreira, como para defeza: corre velocissimamente,

porque o feitiço das azas, e disposição das pennas lhe vedam o vôo: o pescoço, como o do camello, é coberto de cabellos: a voz é um certo berro profundo, e lugubre; e pastam como alguns quadrupedes.

Fazem grande perda aos cultivadores no interior da Africa Meridional, vindo aos bandos ás seáras, e comem as espigas do trigo deixando só o pé. Como o seu corpo é da altura da espiga, e abaixam o pescoço para comer, não se podem vêr; porém á menor bulha erguem a cabeça e fogem sem que se possa chegar-lhes a tiro.

Quando o abestruz corre tem um aspecto valente e activo: se na direcção que segue sopra o vento, bate as azas sempre, e então nenhum cavallo o apanha; mas se faz calmaria, ou por qualquer accidente perde alguma aza, é muito mais facil alcança-lo.

O abestruz macho do sul da Africa no tempo da criação toma por companhia de duas até seis fêmeas. Estas poem todos os ovos juntamente em o mesmo ninho, que é meramente uma cova pouco funda, escavada no chão com as dimensões convenientes para ahí caber durante a incubação um destes passaros agigantados. Para pouparem espaço, e ao mesmo tempo darem a todos os ovos igual porção de calor, os collocam dentro do ninho com a extremidade mais aguda para baixo, e com a outra para cima, fazendo com a terra que tiraram da cova um cerco da parte de fóra, que os mantem na postura propria. As fêmeas se rendem por turno durante o dia, no mister da incubação, e o macho faz este serviço de noite, porque se requer a sua força para defender a prole dos ataques dos adibes, leopardos, e outros inimigos. Contam que muitas destas aves na luta ficam mortas ao pé do ninho.

Ás vezes se acham ninhos com sessenta ovos, mas o numero trivial é mais pequeno; e a incubação é de ordinario executada por um só casal. Cada fêmea põe doze a dezeseis ovos. Continuam a pôr durante a incubação, e até depois de tirados os filhos: os ovos supranumerarios são postos da banda de fóra á roda do ninho, e destinados ao sustento dos filhos, que posto sejam do tamanho de uma franga ao sahir da casca, ainda não tem provavelmente força para digerir o alimento duro e acre de que subsistem os velhos. O periodo da incubação dura trinta e seis a quarenta dias. Tanto os machos como as fêmeas desamparam os ninhos na maior força do dia, porque então basta o calor do sol para chocar os ovos.

Um ovo de Abestruz contém tanta substancia como vinte e quatro das galinhas caseiras. Os frescos tem bom paladar e são tidos por alimento sadio. Os Hottentotes sabem o melhor modo de os cosinhar: poem-nos sobre cinzas quentes por uma das extremidades, e na que fica para o ar fazem um burquinho, e vão com um bocado de páu mexendo até que fiquem sufficientemente assados: então os temperam com sal e pimenta, e são uma boa *omelette*. São muito bons para embarque, porque aturam muito mais que os de gallinha, por causa da grossura da casca. No Cabo de Boa-Esperança se faz muito commercio delles. No Cairo, e outras cidades do Egypto, os comem com gosto, e se consomem muitos, que os Arabes trazem á venda. São enfeite ordinario das mesquitas dos Turcos, onde os dependuram das abobadas. Nas igrejas dos Cophtos (1) reina o mesmo costume; e quando um padre desta seita diz missa, tem sempre de frente um castiçal acceso entre dois ovos de abestruz, como para o advertir de que deve estar attento no exercicio do seu ministerio, assim como o abestruz,

(1) Christãos do Egypto, da seita dos Jacobitas. Veio-lhes talvez o nome de um antigo idioma do paiz.

segundo a tradição vulgar do paiz, nunca desvia os olhos de cima dos ovos.

Uma das maiores cascas destes ovos, que se tem visto, existia no gabinete da Academia de Suecia; pesava onze onças, e levavava cinco quartilhos e meio da medida de França.

Ainda que estas aves correm mais do que um cavallo, com tudo é a cavallo que se cançam, e se apanham: para isto é preciso industria; e os Arabes, que são os mais peritos nesta caça, a tem em conta de sciencia. Tudo consiste em seguir as aves de longe, sem apertar muito com ellas, inquietando-as quanto baste para as não deixar comer, mas nunca com tal excesso, que as delibere a fuga precipitada: isto é mais facil, porque ellas nunca seguem em linha recta, mas vão sempre descrevendo uma curva mais ou menos extensa, por consequencia os Arabes vão descrevendo do lado opposto um circulo concentrico, interior, conservando-se em conveniente distancia, andando porém menos do que ellas: quando as tem assim caçado, e esfomeado durante dois, ou mais dias, aproveitam a occasião, vão sobre ellas a todo o galope, levando-as contra o vento o mais que podem, e as matam á bordoadá, para que o sangue não manche a bellissima alvura das pennas. Estas pennas, que são as do rabo, tem grande apreço no commercio, pela applicação, que lhes dão para enfeites de senhoras, pennachos, etc.: são largas e flexiveis, e com barbas compridas, finas, e macias.

Contam que os Abestruzes vendo-se acoçados sem poderem escapar, escondem a cabeça pensando que não são vistos, porque elles tambem não vêem: mas talvez a sua intenção, neste caso seja livrar a cabeça que é a parte mais importante, e ao mesmo tempo a mais fraca. As recentes relações dos viajantes mostram que a estupidez attribuida a estes animaes é summamente exaggerada. Em algumas occasiões, quando ainda lhes restam forças, combatem, e se defendem corajosamente, e não é a sua caça tão sem perigo, que não tenham ficado por vezes alguns caçadores com pernas quebradas das pancadas d'aza, ou dos pés, de um abestruz ferido. Os colonos do Cabo tomam estas caçadas por grande divertimento; e além disso tem interesse em os destruir por causa do estrago horrivel que fazem nas seáras, deixando campos inteiros de trigo só com a palha. E' coisa notavel que sendo estes animaes tão vigilantes, e acutelados contra os caçadores, se não espantem á vista de gente que vai de carroça. Um escriptor modernissimo conta que um Hottentote lhe proporcionou deste modo o meio de ver bem uma ninhada delles já crescidos; começou de andar á roda estreitando cada vez mais os circulos até a distancia de tiro de pistola, em que então fugiram.

As pennas são a causa principal da guerra geral que lhes fazem; mas os Arabes tambem se servem das pelles depois de curtidas. A mesma pelle dá um meio de os apanhar, conservando-lhe as pennas: cobre-se com ella o caçador, e passando o braço pelo pescoço lhe dá todos os movimentos, que faz de ordinario o abestruz; e assim se póde facilmente approximar delles, e saltea-los. Deste modo os selvagens americanos se disfarçam em cabras bravias para apanhar estas.

Sparrmann, escriptor de credito, diz que é facil distinguir o macho da fêmea, ainda que vá correndo; porque o macho tem pennas brancas nas azas e rabo, e pretas no costado e ventre, e a fêmea só as tem pretas no rabo e nas azas, sendo o restante do corpo todo cinzento.

Sustentam-se principalmente dos olhos das varias especies d'arbustos, que crescem pelos sitios aridos da

Africa; e parece que não precisam d'agua, porque se encontram nas paragens mais ardentes daquella região, onde não existe outro animal. Engolem substancias durissimas; mas é falso dizer que digerem o ferro, como diziam antigamente: e parece que a causa principal desta voracidade procedê da capacidade do estomago, e da precisão de o encher com volume sufficiente.

Não são absolutamente intrataveis, e criam-se e domesticam-se facilmente em seu paiz natal: mas são incapazes de qualquer serviço regular; e o Arabe, que amansa o cavallo, e subjuga o camello, nunca pôde tirar vantagem completa do abestruz. Omittindo outros exemplos de domesticidade, referiremos o seguinte que traz o celebre naturalista M. Adanson, na *Via-gem ao Senegal*.

«— Criavam-se dois abestruzes havia dois annos na feitoria franceza de Podor, na margem meridional do Niger, e ainda que eram novos, quasi igualavam os maiores, que eu tinha visto nas tostadas e arenosas campinas á esquerda do Niger: estavam tão domesticos; que dois negros pequenos montaram juntamente no maior, que apenas sentiu o peso deitou a correr com toda a força, e deu umas poucas de voltas em torno da povoação, sem ser possível faze-lo parar, até que lhe taparam a passagem... Para experimentar a força destes animaes, mandei montar um negro de boa estatura no mais pequeno, e outros dois no maior: a carga não pareceu desproporcionada para o seu vigor; começaram n'um trote amiudado, e quando os tocaram, alargaram as azas para tomar vento, e desataram em tal velocidade, que parecia mal tocavam no chão. Estou persuadido que deixariam ficar atraz os melhores cavallos inglezes: é verdade que não aguentariam tão longa corrida como estes, mas de certo que poderiam executa-la com mais promptidão. Fui por vezes testemunha deste espectáculo, que pôde dar idéa da força prodigiosa do abestruz, e mostrar de quanto poderia servir, se houvesse meio de o subjugar e instruir como se ensina um cavallo.—»

CASAMENTOS NO JURA.

Logo que um mancebo pertende casar-se um dos seus amigos se constitue medianeiro das negociações preliminares, e se dirige a casa dos pais da donzella, onde depois de haver feito um elogio emphatico dos merecimentos e teres do seu amigo, ouve em troco o panegyrico das virtudes e prendas da requestada donzella. Se este primeiro passo faz conceber esperanças de feliz resultado, os pais dos noivos tractam entre si ácerca do futuro consorcio, visitam-se, para se assegurarem da veracidade das mutuas informações, e então se faz o pedido com todas as solemnidades.

No fim do jantar o mancebo collocado a par da sua futura noiva, lhe offerece em um prato, ou dentro d'um copo, um rolo de moedas de ouro ou de prata, proporcionado aos seus recursos pecuniarios. Se ella o acceita, mette estas arras na algibeira, e desde esse momento é tida por noiva, ou pelo menos fica inhibida de quebrantar a promessa contrahida, sem restituir a somma que receberá.

Na vespera da publicação dos banhos os futuros esposos distribuem filhozes ou confeitos a seus pais e ás pessoas da sua amizade. Chama-se a esta usança confirmar os esponsaes. No dia em que se lavra a escriptura matrimonial, reúne a desposada em sua casa muitas amigas, que todas se disfarçam e retiram para um quarto interior. O noivo, acompanhado dos seus irmãos e amigos, vem bater á porta da casa reclamando uma ovelha que lhe pertence. Recusam fran-

quear-lhes a entrada; porém elles tanto porfiam que conseguem entrar, e concluida uma rigorosa busca reiteram as reclamações á porta do quarto onde se encerraram as raparigas, até que a final lhes apparece um homem asseverando-lhes que nenhuma ovelha de outro dono se introduziu no seu rebanho. Para prova do que affirma, elle manda desfilar as raparigas uma apoz outra, na presença do noivo, que as faz dançar successivamente, e se acaso não encontra a desposada entre ellas, é alvo dos motejos de todos.

Um membro da assembléa, á vista dos vestidos do noivado, que estão patentes, dirige aos futuros esposos uma prática, em que o estado do matrimonio não deixa de levar alguns motejos.

E' costume offertar á noiva um pedaço de pão negro, e depois uma fogaça e vinho, para lhe dar a entender que o seu novo estado traz consigo trabalhos e deleites. Chegada finalmente a hora da ceia vão sentar-se á mesa, onde as mulheres apenas apparecem de fugida; mas os homens, occupados em cantar e beber á farta, não a deixam toda a noite.

No seguinte dia celebra-se na parochia o casamento; e a noiva, coroada de myrto florido, depois de leve resistencia se deixa conduzir á igreja ao som do estampido das armas de fogo, e dos instrumentos de musica.

O pai, ou na sua falta o mais proximo parente da futura, lhe dá o braço, e rompe a marcha do cortejo. Seguem-se na primeira fileira os amigos intimos dos dois jovens, a quem, com os nomes de *moço franco*, e *moça franca*, toca o fazerem as honras das bodas; e atraz vem o noivo na companhia dos anciãos.

O sacerdote, antes de estender a estola sobre os noivos, benze uma moeda de ouro ou de prata, assim como o anel do mancebo. No momento em que o casado mette esta prenda no dedo de sua mulher, suscita-se uma jocosa altercação; porque se a esposa ambiciona o governo domestico forceja por impellir para fóra da primeira phalange o anel que o noivo, levado do desejo de se apoderar do mando, procura introduzir quanto pôde pelo dedo adiante.

Finda a cerimonia, o pai do esposo torna a conduzir a esposa para o seu domicilio, ao mesmo tempo que as aclamações dos assistentes, as descargas de mosquetaria, e os sons das gaitas de folles, exprimem de novo o jubilo desse dia festivo.

Quando as duas familias não habitam na mesma aldeia, as alfayas e o enxoval da casada são postos em cima de carroças puxadas a bois ornados de fitas, onde as mulheres, misturadas com os moveis, e armadas de fusos, vão fiando durante o caminho. Abala o cortejo; porém se a recém-casada deixa saudades, a mocidade do paiz lhe retarda a partida, pejando o caminho, que deve seguir, e á saída da aldeia lhe offerece um ramilhete.

Ao apresentar-se o par na habitação do mancebo, que está fechada, a mãe deste lhe lança pelas janelas muitos panhados de trigo, favas, ervilhas, &c., symbolos da prosperidade que lhe deseja. Abre-se a porta immediatamente; e a mãe, vindo até o limiar, apresenta á nora um copo de vinho, e um pedaço de pão. A noiva reparte este presente com seu marido, porque entre elles tudo vai a ser commum, e passa a ser recebida na casa. Ahi a submettem a algumas provas; por exemplo, deixam uma vassoura atravessada á entrada de um quarto. Se ella é diligente, aceiada, e laboriosa, ergue-a do chão, e encosta-a á parede; ou para ficar mais bem conceituada, varre o quarto na presença dos espectadores. Dão depois uma volta por todas as casas, e vão para a mesa, excepto o casado, que fica de fóra servindo a todos; porque as honras são reservadas para sua mulher.

No fim da refeição, mascararam-se os amigos communs, e vem divertir a companhia, e dirigir os seus cumprimentos aos consortes.

Escusado é o accrescentar que a dança é um dos mais bem acceitos divertimentos em semelhantes festas.

Cabello de Judas. — O P. Antonio Pereira de Figueiredo foi um dos mais celebres homens da Europa dos fins do seculo 18.º e principio do 19.º. Muito moço entrou em controversias com os jesuitas por causa do seu *Novo Methodo de Grammatica latina*, na qual patenteou os erros que se continham na Grammatica do jesuita Manoel Alvares, usada até então nas escolas do reino. Os frades da companhia lhe fizeram por isso viva guerra, que toda redundou em gloria deste grande escriptor. Era Antonio Pereira um grande theologo e muito versado na historia da Biblia, que traduziu e commentou, vulgarisando assim entre nós o conhecimento dos livros fundamentaes da religião christã. Posto que de agradável aspecto e bem apessoado, tinha os cabellos ruivos em extremo, o que deu logar á anedota que vamos referir. Estava certa vez em uma reunião de varias pessoas, onde tambem se achava um jesuita. Este, para escarnecer do P. Pereira, travou conversação com elle, e fallando ácerca de pinturas, perguntou-lhe, com ironia, qual seria a razão porque em todos os quadros em que Judas apparecia, o pintavam sempre com os cabellos ruivos; e accrescentou: V. S.ª tem lido tanto, e sabe tanto das coisas ecclesiasticas, que, sem duvida, terá achado a origem desta tradição. Não titubeou um instante o P. Pereira, e immediatamente respondeu ao jesuita nos seguintes termos: Saberá Vossa Paternidade que muitissimo tenho estudado as antiguidades da igreja, e havendo encontrado varias noticias ácerca dos demais apóstolos, pelo que toca a Judas nada tenho podido descobrir senão o que se lê no Evangelho; isto é, que elle era um dos da *companhia de Jesus*.

A Bulla. — O celebre Montesquieu fez uma viagem a Roma, precedido pela reputação de seu nome. O papa tractou-o, em quanto elle alli se demorou, com toda a affabilidade, e á despedida lhe disse: "*Quero fazer-vos uma graça, meu caro Montesquieu, em prova da minha estimação. Permitto-vos, a vós e á vossa familia, comerdes carne á sexta feira.*" Agradeceu o philosopho, e ia retirar-se: porém o cardeal camerlengo lhe declarou que era preciso sollicitar a competente bulla, para entrar na fruição da graça concedida, e conduziu-o á Dataria. Lavrou-se o diploma, e antes de o darem a Montesquieu, lhe apresentaram a conta da despeza, somma enorme, que elle entendeu não poder, ou não dever pagar. Então sem hesitar voltou-se para o cardeal, que o tinha conduzido, e lhe disse: "*Eminentissimo senhor, Deus e o meu cura sabem que o papa é pessoa muitissimo capaz, e que eu não costumo mentir. Escusam estes senhores de se incomodar mais; porque gozarei da graça sem escriptura de posse, e creio que não haverá novidade a este respeito.*" Dito isto saiu da Dataria, e foi-se aviar para partir de Roma.

Abundancia de reptis nos desertos da Arabia. — "No dia seguinte, chegando ao meio de um deserto arido, descobrimos um pequeno oasis (especie de ilhotas de verdura dispersas pelos areas d' Africa), povoa-

do de certos arbustos, a que chamam jorfé; e estávamos já a poucos passos de distancia, quando os nossos dromedarios pararam de repente: a principio persuadimo-nos que queriam repousar naquella paragem, onde uns assomos de vegetação davam indicios de haver agua; mas brevemente reconhecemos que a sua repugnancia provinha de um susto por instincto, que se manifestava por todos os signaes de terror invencivel. Faze-los seguir ávante, nem caricias, nem ameaças o alcançavam. Movido de curiosidade extrema apeei-me para indagar a causa deste medo; mas apenas entrei no bosquesinho, até eu recuei involuntariamente: estava o chão juncado de pelles de serpentes de todos os tamanhos e castas, e isto aos milheiros; grossas umas como cabos de navio, outras delgadas como agulhas. Afastamo-nos precipitadamente dalli, dando graças a Deus de ter apenas topado as pelles destes reptis peçonhentos. Ao cair das trévas não podendo achar abrigo, tivemos de passar a noite no meio do deserto; mas confesso que a minha imaginação, agitada pelo horrivel espectáculo do bosquesinho, me não deixou pregar olho: de instante a instante esperava ver uma serpente enorme introduzir-se-me na barraca, e erguer o sanhudo collo junto do meu traveseiro." *Relação da residencia de Tatalla Sayeghir entre os Arabes.*

O tigre e o javali. — Neste dia comemos regaladamente, porque se caçou uma gazela, e repartiu commosco um tigre de um javali, que matou á nossa vista, não sem lhe custar sangue, porque a briga foi renhida, e o javali sabia-se muito bem defender. Passou a coisa desta maneira. Chegando nós pelas onze da manhã ao Euphrates, que se tinha afastado da estrada o dia d' antes com uma volta que fazia, demos com os olhos em um grande tigre, que, levantada a cauda em alto, boca aberta, e todo um fogo, saltava de quando em quando sobre um pouco de lodo; tal nos pareceu á primeira vista o javali com que elle brigava, por estar mui bem armado de camas de lodo, uma sobre outra. Pararam os camelos, adiantamo-nos os de cavallo, e mais de perto nos puzemos a ver a batalha. Tinha o porco as costas em um salgueiro, os dentes bem affiados, e altura de tres dedos de lodo secco pelo corpo. O tigre raivoso trabalhava pelo tirar do posto; mas vendo que não aproveitavam suas diligencias, saltou-lhe de um pulo nas costas, empregou as unhas, e cuidando que se retirava levando couro e cabello, achou que só lodo e cabello lhe tinha tirado. Segundou uma e outra vez o pulso, até que totalmente lhe tirou das costas aquella saia de malha enlodada, mas com pouco damno do mais. Tanto que o javali se viu desarmado, correu ao rio para se encher outra vez de lodo; mas dando-lhe nas costas o tigre, o abriu pelo meio com as garras: depois de o matar deitou-se ao pé delle, lambendo uma ferida, que só recebera naquella batalha, e como lhe pareceu tempo comeu o que pôde, deixando-nos alguma parte, que bastou para os que só podiamos comer daquella carne, prohibida na lei de Mafoma. — *Godinho, Viagem da India por terra.*

Escriptorio da Direcção da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis, Rua Direita do Arsenal N.º 55 = 1.º andar.